

Crise faz a classe média encolher após 6 anos

(Janaína Oliveira)

Fatia da população com renda entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807 caiu em 2009, chegando a 53,58% da população

A crise econômica mundial breiou o avanço contínuo que a classe média vinha registrando desde 2004. Pela primeira vez em seis anos, considerando-se o mês de dezembro, a classe econômica com renda entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807 encolheu, chegando a 53,58% da população em dezembro de 2009, ante 53,81% no último mês de 2008.

“É uma queda de 0,4%, mas que mostra que a classe C, que vinha de crescimento expressivo nos últimos cinco anos, parou de evoluir”, diz Marcelo Neri, coordenador do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Segundo Neri, o corte de emprego, a diminuição do bolo de renda e a redução da oferta de crédito, todos efeitos trazidos pela turbulência, foram cruciais para o encolhimento dessa fatia de brasileiros. “São 36 milhões de pessoas que viram seu poder econômico ter uma parada súbita”, afirma, acrescentando que o cenário, apesar de ruim, poderia ser pior. “Se comparado a outros países, o resultado é até razoável”, diz.

De acordo com o levantamento, em dezembro de 2003, a classe C representava 42,99% do total da população. Desde então, o crescimento era contínuo. Em 2009, no entanto, veio o freio. “2009, definitivamente, não foi o ano da classe C”, ressalta. No período mais forte do furacão, a classe C chegou a representar 52,52% do total, o menor nível durante a crise.

No topo da pirâmide, onde a renda familiar fica acima dos R\$ 4.808, as consequências foram diferentes. “Em dezembro, a classe AB, justamente a primeira a sentir os primeiros efeitos da crise, cresceu 2% em relação a dezembro de 2008. Naquele ano, ela representava 15,33% da população e, no final de 2009, já significava 15,63% do total, o que aponta para uma fase de recuperação”, afirma.

Já a classe mais baixa - renda familiar de até R\$ 804 - também encolheu: 1,5% frente a dezembro de 2008. “O índice aponta que houve redução da pobreza, mas é muito pouco, se pensarmos que, nos cinco anos antes da crise, a classe menos favorecida recuou 41%”, frisou. Os mais pobres correspondem a 17,42% da população.

A classe D - famílias com renda de R\$ 805 a R\$ 1.114 - representou em dezembro do ano passado 13,37% da população. Na comparação com igual mês em 2008, houve avanço de 1,4%.

Com a retomada da economia neste ano, a percepção é de que o recuo dos indicadores esteja com os dias contados. Segundo o coordenador da FGV, apesar da pequena redução da classe média, o dado positivo é que a mesma já voltou a crescer. “Podemos considerar que 2009 foi um empate com muitos gols. Começamos o ano sofrendo uma goleada, mas conseguimos recuperar”, avalia.

Para este ano, Neri vê propensão ao crescimento e melhor distribuição de renda. “Existe uma certa tendência à expansão porque acho que os empresários superestimaram a crise antes”, afirmou. Ele também argumentou que a base do ano passado é baixa, o que ajuda a ter resultados estatísticos melhores. Além disso, lembrou, existe um ciclo político que em anos eleitorais faz a renda aumentar e a distribuição de renda melhorar.

Por outro lado, Neri considerou preocupante a perda de 415 mil empregos no Brasil em dezembro registrados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e entende que isso deve ter tido efeitos negativos na renda em janeiro deste ano, assim como, comparou, a queda de emprego em dezembro de 2008 fez a crise atingir em cheio os bolsos dos brasileiros em janeiro de 2009. “O começo do ano é mais delicado por causa da perda de emprego em dezembro”, disse, frisando que muitos trabalhadores da classe C perderam seus postos.